Entre vínculos e fissuras: conversando sobre violência de gênero e violência filioparental e o papel da família na reconstrução de trajetórias

Autoras:

Marcia Mota Santos Pio de Oliveira

Ana Karina Custódio Loureiro Craveiro

Introdução / Objetivo(s)

Este trabalho propõe discutir, a partir de uma perspectiva gestáltica relacional, sistêmica e interseccional, as dinâmicas de violência de gênero no espaço doméstico e de violência filioparental — entendida como aquela praticada por filhos contra pais ou cuidadores —, articulando essas expressões ao papel da família e da rede de apoio na reconstrução de trajetórias. Parte-se da compreensão de que a violência não se configura como atributo individual isolado, mas como fenômeno que emerge no campo relacional, conforme o paradigma de campo presente na Gestalt-terapia clássica de Frederick Perls, Paul Goodman e Ralph Hefferline, sendo expressão de interrupções no processo de contato e ajustamento criativo.

A leitura gestáltica contemporânea, fortalecida por autores brasileiros como Jorge Ponciano Ribeiro e Ênio Brito Pinto, permite compreender que tais dinâmicas se organizam em campos relacionais marcados por cristalizações transgeracionais de padrões de poder, silenciamento e desigualdade. Nessa direção, a violência de gênero também é compreendida à luz das contribuições de Judith Butler, ao evidenciar o gênero como construção performativa regulada por normas sociais, e das reflexões críticas sobre poder e subjetividade contemporânea de Byung-Chul Han.

No caso da violência filioparental, destacam-se configurações familiares com fronteiras geracionais difusas, inversões de papéis e fragilização da função parental, conforme discutido por Maurizio Andolfi e por Roberto Tercero Pereira. Tais dinâmicas podem ser compreendidas como expressão de campos desorganizados de convivência, em consonância com a noção de sistemas humanos como redes de conversação proposta por Humberto Maturana.

A relevância do tema se ancora na complexidade da violência intrafamiliar, reconhecida também em dispositivos legais como a Lei Maria da Penha (BRASIL, 2006), bem como em produções contemporâneas da psicologia sobre violência doméstica e acolhimento, como discutido por Leda Gimbo. O objetivo é ampliar a compreensão dessas dinâmicas à luz da Gestalt-terapia e da abordagem sistêmica, construindo possibilidades de intervenção clínica e intersetorial voltadas ao acolhimento, avaliação de risco e elaboração de estratégias de cuidado.

Metodologia

A proposta será desenvolvida em formato de roda de conversa dialógica, iniciando com breve exposição teórica e articulação com referenciais como Gestalt-terapia, terapia familiar sistêmica e estudos de gênero, seguida da problematização de situações exemplificativas e construção coletiva de estratégias de cuidado. O encontro buscará promover interlocução entre saberes clínicos, jurídicos e sociais, dialogando também com perspectivas que valorizam a experiência e a narrativa, como apontado na literatura contemporânea sobre relações e

vínculos, incluindo contribuições simbólicas de autoras como Maya Angelou, ao trazer a potência da história e da voz na reconstrução de trajetórias.

A condução priorizará um ambiente ético, acolhedor e seguro, sustentando o diálogo, a escuta e a corresponsabilidade como elementos centrais do processo.

Resultados / Conclusões

Espera-se como resultados a ampliação da awareness, conceito central da Gestalt-terapia, o fortalecimento da atuação em rede e maior sensibilidade para identificação precoce de sinais de violência em contextos familiares atravessados por desigualdades e fragilização de vínculos. Pretende-se também contribuir para a qualificação das práticas clínicas e institucionais, favorecendo intervenções mais integradas, preventivas e restaurativas, conforme apontam estudos contemporâneos sobre família em diferentes contextos.

Como conclusão, destaca-se a necessidade de compreender a violência intrafamiliar como fenômeno complexo, relacional e multideterminado, que exige respostas igualmente complexas, sustentadas por diálogo, ética, corresponsabilidade e políticas públicas articuladas.

Relevância para a Abordagem Gestáltica

A proposta reafirma a centralidade do paradigma de campo na compreensão do sofrimento humano, conforme desenvolvido na Gestalt-terapia e aprofundado por autores contemporâneos. Ao articular conceitos como contato, ajustamento criativo, fronteiras e awareness, o trabalho amplia o olhar gestáltico sobre fenômenos contemporâneos, incorporando dimensões sociais, culturais e de poder. Dialoga ainda com produções que abordam vínculos e relações familiares em contextos diversos, fortalecendo a atuação clínica e institucional da Gestalt-terapia em situações de vulnerabilidade.

Ao integrar contribuições da psicologia, da terapia familiar, dos estudos de gênero e da legislação brasileira, a proposta sustenta uma prática comprometida com os direitos humanos e com a construção de relações mais éticas, saudáveis e possíveis.

Palavras-chave

Família; Gestalt-terapia; Interseccionalidade; Violência de gênero; Violência filioparental.